

posição o sujeito é 'homem' e nada se interdiciona a multitude daquelas animalidades, como foi dito, e se predica o género 'animal', que de nenhum modo é indefinido, nem de modo móvel nem imóvel, mas que aqui se apresenta na vez da própria essência do género comum, predicável a muitos. Donde se predica 'animal' e se interdiciona 'animal' no sujeito tal como na expressão: 'todo o animal racional mortal é homem'.

Do mesmo modo digo que não se indefine este verbo 'é' nem de modo móvel nem de modo imóvel, porque se o animal viesse a existir no homem, isto residiria no próprio sujeito em si, antes que na proposição a predicação fosse atribuída ao sujeito de modo actual ou potencial.

E por esta razão rejeitamos a decisão antecedente, a saber: nas suposições indeterminadas, umas são indeterminadas por imposição do signo ou modo, outras por imposição da coisa. Dizemos antes que toda a indeterminação é por imposição do modo. Do mesmo modo na proposição 'todo o homem é animal' este termo homem é considerado não só para todos os homens mas também para todo o animal que é homem. E por isso aqui tantos são as 'animalidades' quantas as 'humanidades', falando de modo natural, porque a mesma é a 'humanidade', segundo uma via lógica e não natural, em qualquer indivíduo homem; tal como o homem em geral é o mesmo. Portanto quer seja esta animalidade ou aquela, isto acontece por razão da matéria. A realização da minha natureza humana fez-se por si e por outro lado pela tua humanidade, tal como a minha alma enquanto existe a minha humanidade em mim, e outra decorrente da tua alma, produz a tua humanidade em ti.

E por esta razão o signo indeterminado 'homem' não indetermina 'animal' mas 'animal' liga-se a homem pelas suas diferenças.

Donde toda a indeterminação existe por imposição do signo ou modo.

JOSE ACACIO CASTRO

Notas e Comentários

Nota crítica sobre um argumento antimetafísico de Hans Reichenbach

Na sua obra *A filosofia científica*, de 1951, Hans Reichenbach expõe com toda a clareza o seu ponto de vista radicalmente antimetafísico. A sua «filosofia científica» — que ele escrevia, naturalmente, sem aspas — opõe-se à «filosofia especulativa» — que ele escrevia, naturalmente, com aspas. Esta «filosofia especulativa» é quase irmã siamesa da teologia. Também a negação radical da metafísica inclui, na posição de Reichenbach, a negação de toda e qualquer teologia. O problema metafísico e o problema religioso são liquidados no mesmo movimento crítico.

Um dos problemas capitais da metafísica e da religião é o da origem do universo. Para esse problema há-de Reichenbach ter, seguramente, uma solução «científica». Qual é ela? É, no seu momento negativo, a rejeição da «antiga hipótese» que atribui ao mundo uma causa suprema por um acto criador da matéria. Esta explicação é, para o filósofo berlinense, ficção científica, pseudo-explicação. No seu momento positivo, ou afirmativo, a solução de Reichenbach é a de que «o universo não tem causa, uma vez que, por definição, nada há fora dele que possa ser a sua causa». O universo é, pois, eterno, infinito no tempo. Séries infinitas, sem princípio nem fim, encontra-as Reichenbach nas matemáticas, coincidindo neste ponto com Russel em idêntica análise.

A argumentação de Reichenbach é curiosa. Assenta na proposição: o todo que o universo é não precisa de nenhuma causa para ser e para ser como é. Esse todo é, por conseguinte, uma infinita teia de efeitos e de causas, mas ele próprio não é efeito de nenhuma causa. Há-de ser, no entanto, enquanto todo, a causa de todos os efeitos que no seu seio se produzem. Ou seja: é causa, mas é causa sem causa.

O grande alvo das críticas contra semelhante argumento de S. Tomás de Aquino, bem como dos seus antepassados no argumento, fora sempre a ideia de uma causa sem causa — ideia considerada absurda. Toda a causa era entendida como o efeito de uma causa anterior, que a produzira. Vemos agora que não é nesse ponto que Reichenbach, e o positivismo lógico em geral, encontra o ponto fraco da argumentação tomista.

Passando ao pente fino da análise o argumento de Reichenbach acabamos por achá-lo débil. Vejamos um primeiro aspecto dessa debili-

dade. Que significa afirmar que as séries infinitas são manejadas com êxito nas matemáticas? Pode significar, em primeiro lugar, que a aplicação dessas séries a determinados problemas conduz a resultados úteis. Conduzir a resultados úteis não prova, só por si, que as séries aplicadas são realmente infinitas. A verdade é que nós não temos a possibilidade de actualizar qualquer série infinita, precisamente porque tal actualização seria a sua finitização. O que caracteriza a série matemática infinita é a sua potencialidade, não a sua actualidade. Série infinita é aquela que pode sempre continuar, seja qual for a actualização que dela se faça. Por outro lado, é a série infinita independente de um sujeito pensante da série, ou necessariamente correlativa de um tal sujeito pensante? Se Reichenbach responde que é independente, eu perguntar-lhe-ei como o prova. E como para ele o critério último da prova é a verificabilidade, eu perguntar-lhe-ei como pode verificá-lo. Se Reichenbach responder que a série infinita é correlativa de um sujeito pensante qualquer eu perguntar-lhe-ei se esse sujeito pensante é finito ou infinito. Admitindo que o filósofo me responda que é finito — ele pode dizer que é o homem, ou algum sujeito pensante finito superior ao homem — eu perguntar-lhe-ei como é possível que esse tal sujeito possa alguma vez provar, ou seja, verificar, que há séries infinitas. E perguntar-lhe-ei isto por não ver como pode um sujeito pensante finito, vivendo uma vida de duração, realizar o número infinito de operações mentais em que consiste o pensamento integral de uma série infinita. Se Reichenbach respondesse — o que já sabemos que não aconteceria — que tal sujeito pensante é infinito, eu limitar-me-ia a lembrar-lhe que essa é a posição dos filósofos especulativos cujas análises, ou pseudo-análises, tão desdenhosamente ele rejeita. Teria que chamar-lhe ainda a atenção, no entanto, para o facto de que a aceitação da hipótese da correlação «série infinita-sujeito pensante dessa série» envolve a consequência, fatal para a sua argumentação, de recorrer a algo de exterior ao todo que é a série. Com efeito, ou a série é um efeito do sujeito que a pensa — e como pode ela ser infinita, se tal sujeito é finito ... —, ou é independente dele — mas então, o que é a correlação ... —, ou são ambos, série e sujeito pensante da série, partes de um todo que a ambos envolve — hipótese absurda no quadro do empirismo radical de Reichenbach.

O segundo aspecto da debilidade da argumentação de Reichenbach deriva da sua ideia de universo. Talvez esse universo seja, como pretendem alguns críticos da tese russelliana do monismo neutral — que o filósofo berlinense faz sua — apenas o universo físico. Nesse caso, poderíamos perguntar-lhe porque apresenta como única prova (?) da infinitude do universo físico precisamente uma prova (?) extraída das matemáticas, que não são constituídas por entidades físicas. Porém, mesmo aceitando a teoria do monismo neutral, poderíamos perguntar-lhe que prova tem para nos apresentar sobre a presença do infinito nessa realidade que se manifesta sob os dois aspectos do físico e do mental, mas que não podemos verificar directamente o que é nem mesmo se é ou existe. Não será mesmo possível suspeitarmos que essa realidade é algo daquilo que constitui o objecto das nefandas especulações dos metafísicos?

Um terceiro aspecto da debilidade da argumentação de Reichenbach é a sua afirmação da infinitude do universo *no tempo*, ou seja, da eternidade do universo. Como é possível *verificar* tal enunciado?

Admito que algo de subtil, ou profundo, ou difícil me escape na argumentação do famoso filósofo. Até onde lhe posso penetrar, penso que ela é inconsequente e que a «filosofia especulativa», que ele tanto abominou, escapa ilesa à sua análise. Filosoficamente falando, e em relação à magna questão da origem do universo, talvez conserve validade, para termo do discurso filosófico sobre o assunto, a observação feita por Leibniz no *Discurso de Metafísica*: «Não pretendo com isto explicitar o grande mistério de que depende todo o Universo». As palavras de Leibniz não foram escutadas pelo ouvido filosófico de Reichenbach. Procurei mostrar que a causa disso não está nas palavras, mas no ouvido.

Manuel Ferreira Patricio